

AGENTES PROTAGÔNICOS DA EDUCAÇÃO NA COMUNICAÇÃO CINEMATOGRAFICA

PROTAGONICAL AGENTS OF EDUCATION IN CINEMATOGRAPHIC COMMUNICATION

Profa. Ms. Lucilla da Silveira Leite Pimentel¹

RESUMO

Este artigo tem a intenção de tratar o cinema como uma oportunidade para que os professores fiquem atentos ao que ele possa contribuir no desenvolvimento da consciência reflexiva, analítica e crítica, partindo de um olhar mais aguçado e de um pensar menos ingênuo, mais lúcido, de seus alunos ante as cenas cinematográficas, sejam crianças ou jovens. Para tanto, ele se compõe de três momentos, que não se apresentam explicitamente distintos, porque há entre eles mútua interação. O primeiro expõe os agentes da comunicação na área educacional mediados pelo cinema, dando importância ao preparo do professor quando torna este meio audiovisual um recurso estratégico para as suas aulas, ultrapassando a proposta de considerá-lo ilustração de seu conteúdo curricular. O segundo trata da presença e contribuições da obra fílmica na educação destacando-se o protagonismo do professor. E o terceiro momento exemplifica o que é aqui exposto, sobretudo a respeito dos efeitos nos receptores: professor e aluno, oferecendo algumas reflexões sobre o filme *A Onda* para tecer paralelos entre a ficção e a realidade do cotidiano escolar.

Palavras-chave: Cinema; Educação; Professor; Aluno; Formação; Desenvolvimento Da Consciência Reflexiva; Analítica; Crítica.

ABSTRACT

This article intends to treat cinema as an opportunity for teachers to be aware of what it can contribute to the development of reflective, analytical and critical awareness, based on a sharper look and less naive, more lucid thinking, of their students before cinematographic scenes, whether children or young people. To this end, it is made up of three moments, which are not explicitly distinct, because there is mutual interaction between them. The first exposes the agents of communication in the educational area mediated by cinema, giving importance to the teacher's preparation when making this audiovisual medium a strategic resource for their classes, going beyond the proposal of considering it as an illustration of their curricular content.

¹ Mestre em Comunicação pela Universidade Paulista (2004) e em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1982). Psicopedagoga. Experiência profissional: orientadora educacional, professora na área de ciências humanas, consultora e assessora educacional e pedagógica. Palestrante de temas relacionados à filosofia, psicologia da educação e comunicação e cinema voltados para o campo da educação. Professora de ensino superior. Autora de livros e artigos relacionados aos temas citados.

The second deals with the presence and contributions of film work in the school environment, highlighting the role of the teacher. And the third moment exemplifies what is exposed here, especially regarding the effects on the receptors: teacher and student, offering some reflections on the film *The Wave* to weave parallels between fiction and the reality of everyday school life.

Keywords: Cinema; Education; Teacher; Student; Training; Development Of Reflective; Analytical; Critical Awareness.

OS AGENTES DA EDUCAÇÃO E O CINEMA

Qual é a natureza da relação entre os agentes da educação que participam do processo de comunicação cinematográfica? Ante esta pergunta cabe contextualizar o papel daqueles que participam deste processo. Inicia-se pelo docente que faz uso do recurso cinema e que precisa ressignificar a proposta da presença de obras filmicas no espaço educativo, considerando-se a sua responsabilidade quanto à forma e à intencionalidade como são apresentadas. Sua exibição em sala de aula não é algo novo, sendo nos dias de hoje uma prática frequente.

Sobretudo, a partir dos anos 90 surgiu um número crescente na produção de filmes reproduzindo diversas situações do ambiente escolar. Este tipo de contexto pode se tornar para os espectadores/professores um convite à reflexão sobre a sua atuação pedagógica, bem como reconhecer ser um recurso provocativo para a formação de alunos/receptores reflexivos, analíticos e críticos frente às imagens cinematográficas, graças ao processo de projeção, identificação, transferência e participação afetiva.

Por isso mesmo, considera-se a possibilidade de, por meio destas imagens, *Ensinar a condição humana* – expressão já tratada por Edgar Morin, no seu livro *Os sete saberes necessários à educação do futuro* (2001); tema que ele retoma e amplia em *Ensinar a viver* (2015). Se para este filósofo contemporâneo, *a condição humana deveria ser o objeto essencial de todo o ensino* (ob.cit. 2001, p.15 e 2015, p.141), considera-se que o cinema, como mídia audiovisual, também abre espaço para se pensar e melhor compreender a vida em seus mais distintos e múltiplos problemas. Porém, torna-se essencial que tal *condição* seja posta à vista, questionada. E para problematizá-la deve-se envolver a ação de relacionar conhecimentos que, apesar de ainda se manterem fragmentados, são urgentes e necessários para se chegar ao entendimento da multidimensionalidade e da complexidade do existir humano.

De forma acelerada vem ocorrendo uma invasão da tecnologia imagética em todas as esferas sociais, e sabe-se que a escola não está isenta deste avanço, o que torna extremamente importante uma percepção crítica dos professores frente à imagem.

Observa-se que, inúmeras vezes, a falta de definição quanto às intenções mais claras da exibição de um filme em aula, até mesmo da inadequação à faixa etária, resulta em algo pior do que uma aula tradicional, sem a presença de algum aparato, na base do giz no quadro negro e da saliva dos docentes. Tais faltas, com certa frequência, tornam-se fontes geradoras de discordâncias desnecessárias porque se fundamentam em apreciações subjetivas, no achismo, ou de discussões entre os alunos que escapam de uma intervenção mais apropriada, principalmente, quando ficam mais atentos e curiosos em cenas que foram consideradas difíceis de abordar ou despercebidas nas escolhas de seus professores.

Outra constatação é a de que, lamentavelmente fato comum, para dar ares de modernidade e mostrar aos pais que há adesão às mídias, a instituição que tem privilegiado nível econômico prepara salas especiais e as abastece de diversos recursos audiovisuais, como: TVs, câmeras fotográficas, data show, computadores de última geração, permissão ao uso do celular... Também se percebe que inúmeras escolas não só adquirem como sabem o que fazer com toda esta tecnologia, sobretudo a informática, propiciando acesso a todos, inclusive criando seu portal e outros meios para a troca de comunicados virtuais com a sua clientela. No entanto, ainda se nota a carência de preparo mais eficiente na atuação de seus profissionais e muitos gestores deixando a cargo de cada um deles um aperfeiçoamento para que opere a tecnologia com habilidade e competência, dando maior qualidade ao uso dos recursos audiovisuais e daqueles que a instituição oferece.

Ante estes dados, sinaliza-se que: além do saber lidar com as mídias, torna-se necessário contribuir na **coformação** dos docentes para que, por meio dela, seja possível, independente da disciplina ministrada, acontecer questionamentos e ações formativas com seus estudantes. Entende-se por **coformação** aquele espaço de responsabilidade da escola quando favorece a troca de experiências pedagógicas que aprimoram debates, ações conjuntas, suscitam a tomada de consciência colaborativa e alimenta o docente a ser um profissional de prática reflexiva, sobretudo quando se dá «o enfrentamento das situações divergentes da prática» (Donald Schön, apud Pimenta e Ghedin, 2012, p.186-187), e necessita da competência de refletir sobre a sua ação para criar uma nova realidade. É assim que «o professor se desenvolve através da reflexão, reflexão na ação, reflexão sobre a reflexão na ação» (Idem, Ibidem). Também cabe incluir nessa coformação a discussão sobre a presença do cinema em aula, como excelente meio para se ampliar temáticas que envolvam a transdisciplinaridade entre a ética, a sociologia, a história, a etnologia, a literatura, a psicologia, a cultura, a antropologia filosófica e a social... Ciências que – cada uma delas ao seu modo e enfoque – apresentam estudos e pesquisas sobre o ser humano e suas relações.

Quanto ao recurso das mídias audiovisuais é fundamental pensar de modo amplo, admitir e não ignorar que os profissionais da educação encontram diferentes condições no que se referem aos aspectos econômicos, políticos e socioculturais não só da clientela, mas também do contexto geral e das propostas inseridas nos projetos educativos, quando se fala de instituição de educação, seja particular ou pública.

A partir destas colocações, sublinha-se ser essencial, para qualquer ato pedagógico, *saber quando, como, para quê, por quê e quais os efeitos do processo de ensino-aprendizagem*, e o cinema não escapa disto. Pode-se até pensar que é a mídia que menos atenção recebe quanto a estes **saberes do professor** que, não raro, tem poucos critérios de seleção dos filmes que exhibe. Na maioria das vezes, a escolha se justifica pela coincidência de aparecer na tela algumas cenas que tratam de um assunto abordado em aula, mas nem sempre relevante na narrativa fílmica. Há quem ignore atitudes de um ou mais personagens que possam suscitar nos estudantes a projeção-identificação-transferência de seus desejos, motivações, fragilidades, angústias e curiosidades naturais, causando efeitos que nem imaginam acontecer. Exemplo claro quando há uma rápida cena de suicídio – ou dada a entender; de relação sexual ou assédio; de bullying ou consumo de drogas. Por isso mesmo, é relevante conhecer as características próprias da faixa etária e do contexto político, histórico e sociocultural dos espectadores/alunos que são receptores da comunicação cinematográfica.

Frente à proposta de se trazer o cinema como possibilidade formativa, torna-se essencial considerar o que se pretende com tal formação, apresentando, assim, suas relações inter, multi e transdisciplinar com a educação.

Se o cinema convoca o espectador/professor e aluno a um entendimento que favoreça o desenvolvimento da consciência reflexiva, analítica e crítica, é importante a prática de considerá-lo com intencionalidade. Portanto, para introduzi-lo no espaço escolar, o professor precisa exercitar a reflexão ao assistir um filme, partindo de um olhar e de uma escuta que provoquem um pensar consistente, indo além do que mostra as cenas, observando com atenção o enredo, os diálogos e as ações dos protagonistas.

Questionamentos são fundamentais, como: qual a mensagem do enredo fílmico? Quais lições de vida ele oferece? Quais cenas chamaram mais a atenção? Por quê? Quais atitudes dos personagens expressam – ou não – valores, como: empatia, generosidade, justiça, respeito, solidariedade, compreensão...?

Quanto à reflexão como instrumento do professor, seja qual for sua ação pedagógica, Pimenta e Ghedin (2012, p.16) sublinham: «O horizonte da reflexão deve ser a crítica, não como fim em si mesmo, mas como meio de redimensionar e ressignificar a própria prática». Entende-

se, assim, que o cinema, ao abrir espaço para intenções formativas, deve contar com a reflexão inserida na crítica, tornando-o também um objeto do conhecimento.

Pensando, ainda, sobre o cinema como recurso no processo de formação, tanto do professor, quanto do aluno, considera-se que, ao integrá-lo no âmbito da educação, há uma série de ações que ampliam espaço para um diálogo, visto que fazem parte de uma comunicação que é ao mesmo tempo simples e complexa. É simples porque educação e cinema necessitam – retomando o modelo clássico de comunicação – de emissor, mensagem e receptor, considerando-se também o seu resultado. Tais elementos são essenciais para que este processo se efetive, quer na obra fílmica, quer na escola. É complexa porque há vários fatores interdependentes para que essa interação entre emissor e receptor ocorra por meio da mensagem emitida pelo primeiro, reconhecendo que haverá diversidades nos seus efeitos, nas suas respostas.

Sem deixar de dar importância ao emissor e à mensagem, salienta-se, agora aqui, a figura do **receptor**, no que diz respeito a sua permissão ante a mensagem. É preciso que o **aluno/receptor** consinta participar do conteúdo curricular e da comunicação persuasiva do professor para que haja o processo ensino-aprendizagem. A permissão também acontece na ficção pelo **espectador/receptor**; isto é: deixar-se capturar pelas imagens em movimento e de sua mensagem tirar proveito. Neste momento, deixa de ser relevante a figura do cineasta/emissor e sua intencionalidade, mesmo porque é raro aquele que, explicitamente, através da narrativa fílmica, se propõe a ser formador de consciência reflexiva, analítica e crítica dos seus espectadores. Os cineastas criam cenas provocativas para atingir a sensibilidade do público. No caso do **professor/receptor**: é ele quem poderá descobrir elementos da **mensagem/enredo** de um filme e da atuação dos personagens se há contribuições para a sua própria formação como docente, bem como a do seu aluno – o que o torna pesquisador. Quanto ao papel crucial que tem a resposta ou *feedback* do receptor/estudante será considerado em outro momento desta análise.

No que se refere ao desenvolvimento da consciência reflexiva, analítica e crítica, este também está relacionado à ética, cuja percepção é favorecida quando se atenta às atitudes dos protagonistas e aos diálogos entre eles, visto ser a ciência normativa do comportamento moral dos seres humanos nas suas interações sociais. Estabelecendo-se tal ligação intrínseca entre as ações de refletir, analisar e criticar envolvendo a ética, pode-se considerar o cinema como a mídia audiovisual que abre condição de, na sua função comunicativa, criar um conhecimento fecundo quando por meio dele é proposto um pensar com rigor sobre a realidade do mundo e a

concreta condição humana: sejam coletivas ou individuais, tecendo-se, assim, novos e profícuos diálogos entre cinema e a educação.

A OBRA FÍLMICA NO ÂMBITO AMBIENTE DA EDUCAÇÃO

Quanto à mídia cinematográfica, sua presença no âmbito escolar e à formação docente e discente, assinalam-se, a seguir, algumas de suas contribuições:

O cinema oferece a oportunidade de o professor e o estudante se aproximarem da **Arte**. Ricciotto Canudo, no seu *Manifesto das sete artes* (1911) considera que cada uma se caracteriza por elementos básicos que formam sua linguagem própria. São elas: a Música (som); a Dança (coreografia/movimento); a Pintura (cores); a Escultura (volume); o Teatro (representação); a Literatura (palavra) e o Cinema, sendo a arte que integra e contempla os elementos das anteriores.

Essa arte foi uma criação dos irmãos Lumière (França, final do séc. XIX). Eles não imaginavam que a partir do seu aparelho chamado cinematógrafo se chegaria à indústria cinematográfica, sendo entendida hoje como mídia de linguagem audiovisual. No dizer de Droguett (2009, p.23): «a consolidação de uma nova cinematografia e, conseqüentemente, de uma inédita percepção articula-se com o advento das tecnologias de ponta. A proliferação de vertiginosas técnicas celebra na tela a comunhão da alta tecnologia e das possibilidades criadoras ». É pura experiência criativa virtual a retratar a realidade sem ser, capaz de trazer na ficção o presente, o passado e o futuro; de provocar efeitos objetivos e subjetivos – estéticos – no receptor frente àquilo que escuta e vê, trazendo-lhe como objeto de observação as imagens em movimento, cada vez mais sofisticadas e em sincronia temporal com o roteiro fílmico.

Como mídia audiovisual, o cinema revela a oportunidade de uma contribuição cultural, formativa, ressaltando a presença de valores humanos. Há obras que transportam os espectadores ao terreno de temas transversais, e que se interpõem, visto que promovem no espectador um pensar sobre suas vivências referentes às relações intersubjetivas, à pluralidade cultural, à preservação do meio ambiente, à saúde, ao trabalho e a outras tantas temáticas que delas derivam, como: os valores, a inclusão, distúrbios de aprendizagem e de comportamentos, o embate entre o coletivo e a individualidade, os preconceitos, o juízo moral...

Com relação a estas temáticas, seguem exemplos de obras cinematográficas que suscitam uma reflexão sobre as interrelações humanas focadas na figura dos estudantes e do professor; oportunidade para também tecer uma análise de seus procedimentos diante do conteúdo de

ensino, bem como o posicionamento das instituições. Exemplos clássicos: *Sociedade dos poetas mortos* (Peter Weir, 1989); *Nenhum a menos* (Zhang Yimou, 1999); *A língua das mariposas* (José Luis Cuerda, 1999); *Vermelho como o céu* (Cristiano Bortone, 2005); *A Onda* (Dennis Gansel, 2008); *Entre os muros da escola* (Laurent Cantet, 2008) – Elisangela da Costa faz interessante análise sobre este filme, na obra *Educação: imagens do professor na mídia* (2012, pp. 72-73 e 81-83). Sobre preconceitos, a manipulação/submissão, crise de identidade, bullying e cyberbullying, condições de vida social e política em que se encontram crianças e adolescentes: *O Pequeno italiano* (Andreï Kravchuk, 2004); *Machuca* (Andres Wood, 2004); *Crianças invisíveis* (Ridley Scott, 2005); *Escritores da liberdade* (Richard Lagravenese, 2006); *O caçador de Pipas* (Marc Forster, 2008); *Preciosa* (Lee Daniels, 2010). Os nacionais: *Pro dia nascer feliz* (documentário nacional de João Jardim, 2005); *Dudu e o lápis cor da pele* (Miguel Rodrigues, 2018); *Ferrugem* (Ary Muritiba, 2018).

O cinema é OLHAR... É «muitas coisas ao mesmo tempo e saber ordená-las com a única finalidade de oferecê-las de um modo determinado para que, no fim, transmitam sensações, ideias, conceitos e paixões», assinala Drogue (ob.cit., p. 18). Por isso mesmo, o professor precisa aprender a olhar, a escutar, a ler as imagens, até mesmo quando há o silêncio posto em cena, para um *saber fazer bem e evitar o mal* no trabalho docente.

É preciso destacar que, desde meados do séc. XX, sobretudo a partir do advento da televisão, pensadores vêm se preocupando com o aprender a ser **receptor/leitor crítico**.

O passo inicial para o uso da mídia cinema é o professor conhecer elementos essenciais da linguagem cinematográfica para poder interpretar adequadamente o que escuta e vê na tela, para depois sentir-se preparado para exibir um filme ou dele selecionar algumas cenas com a intenção de favorecer a formação de seus estudantes. Assim, diante das contribuições que o cinema promove, discutidas até aqui, se o professor assume exercer um papel diferenciado, é importante que consiga intervir como problematizador em sua mediação intencional para que crianças e jovens se tornem **receptores/leitores analíticos, críticos e criativos** a partir de suas análises.

O professor, cuja intenção é a de ser orientador, mediador e formador do **estudante/espectador/receptor/leitor**, pode transformar uma narrativa fílmica em um meio facilitador para relacionar conhecimentos e percepções da realidade, abrindo espaços para o diálogo, sem impor nem ditar a própria interpretação e pontos de vista como únicos e verdadeiros, mas oferecendo condições de se ampliar o que considera com relação ao filme exibido. Compete, portanto, ao docente observar a coerência e o reconhecimento de outros ângulos quando da construção de uma análise, partindo de um roteiro – evidentemente

adequado à faixa etária. Ampliar o espaço para a troca de observações dos estudantes torna a análise enriquecida e de elaboração conjunta. Neste sentido, todos são aprendizes no uso das imagens cinematográficas.

É importante conhecer a trajetória histórica do cinema, teorias e métodos para possibilitar a experiência estética pelos sentidos que este meio oferece a partir da mixagem própria de sua linguagem audiovisual e das relações interdependentes entre cores, formas, ângulos e movimentos do olho da câmera, jogo de luz e sombras, distanciamento e aproximação, fotografia, montagem, figurino, roteiro, cenografia que são elementos que reforçam o conteúdo narrativo.

Necessário sublinhar que: se o professor focar exclusivamente em um conteúdo do filme no coincidente ao tema de sua aula e inserido, meramente, como ilustração, corre o risco de fragmentar a relação entre a comunicação cinematográfica e a da educação; afastar-se da sensibilidade, dos efeitos estéticos que esta promove na subjetividade do aluno/espectador/receptor, bem como perde a oportunidade de, a partir destes efeitos explicitados, colocá-los em debates também eticamente formativos. O que não significa tecer discursos moralistas, mas ressaltar a presença de valores humanos.

O cinema é um tipo de lazer prazeroso na imediatez de suas imagens em movimento; embora a reticência temporal da catarse alivie, episodicamente, a angústia que a realidade impõe e desta forma o espectador pode gozar esteticamente dos excessos que a existência oferece. Consegue ir além do entretenimento porque aguça as variadas ações do pensamento a serem exploradas pelo professor, como: descrever, sintetizar, comparar, memorizar, atentar, levantar hipóteses, imaginar, interpretar, criticar... Ou seja, o cinema é a arte de pensar o tempo por meio das imagens em movimento!

Destaca-se, novamente: a ficção cinematográfica vem se tornando, cada vez mais, uma intérprete real da condição humana, por isso mesmo, deve ser adequada a sua presença no trabalho pedagógico do professor como mediador por contribuir na ampliação do conhecimento e de análises interpretativas favorecendo um pensar argumentativo e consistente – que resgatam o sentido da vida. Aqui surge a oportunidade de se ressaltar a figura do professor como “agente protagonista”, quando se trata de mediação. Conforme assinala Roseli Fígaro (2011, p. 91): «Os professores também são mediadores, do mesmo modo constituem e podem ter o poder de constituir, de dar ao discurso escolar essa força de ser um mediador diferenciado, porque nele há potencial para isso». A autora afirma ainda que: «A escola pode recuperar seu papel de mediadora social, principalmente em relação aos meios de comunicação» (idem, ibidem).

Entendido o cinema como meio de comunicação audiovisual com possibilidades de uma proposta diferenciada porque formativa, sendo produtor de conhecimento e de cultura, tem-se a ousadia de se dizer que: cabe ao professor ser o adulto responsável, uma referência de atitude exemplar frente às obras filmicas, sem cair no “achismo”, em mera “opinião” dogmática, ou em discursos de senso comum, mas saber argumentar sua análise, dando espaço para interlocutores: seus estudantes. Apresentar o cinema em suas aulas é reconhecê-lo muito mais do que um mero recurso midiático moderno para incrementar ou ser um “salva-vidas” nas estratégias em sala de aula – quando, muitas vezes, se supõe que enquanto assistem ao filme os alunos ficam mais disciplinados.

Reforçando o que foi exposto até aqui, retoma-se o pensamento de Fígaro (ob.cit., pp.96-97):

É preciso que o professor questione sua prática. Para fazê-lo, deve abandonar o discurso pouco proveitoso de ou sacramentar a mídia como ótima e trazê-la para a sala de aula sem nenhum senso crítico – isto é, sem vinculá-la à realidade mais geral da sociedade, usando-a apenas como instrumento, como ferramenta – ou, ao contrário, não levar nada disso para a sala de aula, baseado na prerrogativa de que os meios de comunicação são instrumentos de alienação.

Portanto, sem deixar de ser entretenimento que suscita o prazer, mas dependendo do modo como o filme é apresentado, é possível reconhecê-lo como a mídia que explora, com o olhar objetivo da câmera, o pensamento criativo, a atitude filosófica – no sentido de ser mais questionadora e investigativa –, tanto de professores quanto dos alunos. Atitude esta que parte daquilo que as imagens revelam e do que escondem, cabendo ao **receptor/leitor crítico** decifrá-las. Imagens estas que trazem como representação o cotidiano e os dilemas humanos; que despertam para o exercício da reflexão, do questionamento, que não se prendem a indagar por indagar. Partem em busca de respostas sobre a vida – como diz Silveira Júnior: «são os questionamentos que nos fazem buscar as soluções e os caminhos a seguir» (2013, p.30) –; e as imagens da ficção estão aí, prontas para contribuir na transformação do sujeito no seu modo de *sentir, pensar e agir* nas relações que estabelece com ele mesmo, com os outros e o mundo.

UMA REFLEXÃO SOBRE O FILME 'A ONDA'

Entre os anos 1980/90 e avançando para as décadas de 2000 surgiram obras filmicas que retratam a figura do professor e seus desafios, os imprevistos em sala de aula, o confronto com

ideologias, com um contexto histórico, político e sociocultural complexo e, muito claramente, os impasses e conflitos nas relações entre os protagonistas da ficção, sejam os docentes com os estudantes e estes com o seu próprio grupo.

Para ampliar e exemplificar a abordagem em torno da comunicação cinematográfica e a da educação, trazendo questões que abrangem a individualidade, o coletivo, bem como os efeitos nos receptores, recorre-se a algumas observações sobre o filme: *A Onda*, do diretor Dennis Gansel.

A escolha desta obra se dá pelo fato de o personagem professor criar uma atividade para seus alunos que resulta em grande fracasso dada a sua falta de ética, competência e suficiente habilidade para lidar com os conflitos gerados. A intenção é a de evidenciar seu protagonismo, seus propósitos e a receptividade dos alunos, tecendo-se paralelos entre a ficção e a realidade do cotidiano escolar. Esta produção fílmica promove reflexões que serão tratadas a seguir.

A Onda – obra baseada no experimento real de um professor de história americano, Ron Jones, em 1967, recebeu o prêmio do Cinema alemão de melhor filme em 2008 –, apesar de ser um filme de décadas atrás, suscita um pensar sobre variados contextos e o próprio termo “onda”. Assim que se ouve ou se lê a palavra, ela lembra o mar, especificamente o movimento ondular contínuo de suas águas que se elevam em grande volume, muitas vezes formando uma crista, e que na sua arrebentação se esvai. Traz aos olhos os efeitos de sua beleza quando desliza suave, hipnotiza com seus sons na arrebentação de espumas e de gotículas que saltam ao se encontrar com as pedras de uma encosta. Mas também pode causar pavor, quando a força de seu movimento é devastadora, destruindo com fúria aquilo que bloqueia o seu caminho. Segundo o Dicionário Aurélio, apresenta sentidos figurativos e empregos de gíria popular brasileira, tais como: «o que é formidável; curtição, barato (...); **estar na onda**: em posição de relevo, fazer sucesso; **fazer onda**: provocar agitação; tumultuar, por simples gosto ou interesse; **ir na onda**: ir pelos outros; não resistir; deixar-se levar pelas circunstâncias ou adaptar-se a elas; **tirar onda**: dar-se ares de valente, de culto, de inteligente, de bom, de importante» (1986).

Interessante atentar que a significação do termo pode ser observada nas atitudes dos adolescentes protagonistas do filme, cujo título faz referência direta àquele dado à experiência proposta por um professor aos alunos que a batizarem de ‘A Onda’, estando presente de forma estilizada em um logo criado por eles. Mas, estaria o logo em concordância com um significado oculto que escapou da consciência de cada um, até mesmo a do professor? Encantamento e curtição? Um movimento contínuo que cresceria, depois fenecendo sem danos? A suposição de uma ética possível de promover mudanças em comportamentos levados pelas circunstâncias? A força conjunta de um grupo provocativo e devastador? Sem dúvida, o diretor Dennis Gansel

deixa para o espectador – nesta reflexão: o docente que faz uso do filme –, os efeitos de sentido de suas imagens e cabe a ele ser o mediador de reflexões em busca de respostas.

Esta produção coloca como protagonista Wenger, professor de história do Ensino Médio que, sendo impedido pela direção de trabalhar com seu tema preferido ‘Anarquia’, escolhe a ‘Autocracia’. Na tentativa de facilitar a compreensão deste fenômeno político, histórico e social, de ideais nada democráticos e humanistas, decide propor aos alunos vivenciá-la na prática. Isto é, comprovar como seria o pensar e o agir de um regime ditatorial. Nota-se que faz alusões ao período nazista alemão e a seus mecanismos de poder.

A Onda traz o tema de atitudes morais de alunos e do professor. Para melhor entendimento, cabe fazer a distinção entre moral e ética. A primeira tem a ver com as atitudes, ações do cotidiano e que refletem os princípios, ideias que se sustentam como verdade. Portanto, refere-se à ação individual que se revela no convívio social. Para Morin (2011, p.29): «o ato moral é um ato de religação: com o outro, com uma comunidade, com uma sociedade e, no limite, religação com a espécie humana». Este filósofo considera que a humanidade está vivenciando uma «crise ética geral» e assinala que: «a ética, como toda emergência, depende das condições sociais e históricas que a fazem emergir. Mas é no indivíduo que se situa a decisão ética; cabe a ele escolher os seus valores e as suas finalidades». (idem, ibidem). Em suma, ampliando-se o já conceito dito no primeiro momento deste artigo, a ética é a ciência normativa do comportamento moral, dos princípios norteadores deste comportamento, que devem refletir tais princípios, visando o bem maior que atinge o coletivo, ou seja, as interrelações sociais.

O enredo retrata diferentes efeitos de sentido e atitudes que podem ser tomadas frente a um conteúdo curricular e à atuação de seus protagonistas, tanto no que se refere ao professor quanto aos alunos na sala de aula e fora dela. O primeiro deixa ver sua forma de competir, de escolher estratégias e exercer sua comunicação no grupo classe. Percebe-se que é assertiva – considerada importante competência de um professor, que possui habilidade de se relacionar bem e de se comunicar com entusiasmo e clareza, conquistando a atenção, participação e colaboração dos alunos.

No entanto, no filme, a comunicação de Wenger teve forte tendência manipuladora. Seu posicionamento foi capaz de provocar distintas repercussões, como a exposição daqueles que, manipulados, evidenciaram a ausência de sentido dado à vida, bem como a de ideais; ficaram à mostra suas fragilidades e a permissão ingênua de se deixar conduzir pela dominação, a do professor ou a de alguns colegas mais fanáticos, defensores da autocracia. Percebe-se, entre eles, a falta de vivência de valores essenciais da dimensão relacional – como: respeito à divergência de opiniões, empatia, responsabilidade, prudência, justiça, autocontrole, tolerância,

compaixão, sensibilidade e até mesmo o mínimo de senso crítico... –; também expostas suas condições psíquicas, como: a carência de afeto, o sentimento de rejeição, do pertencimento à instituição e a baixa autoestima. Lamentavelmente, a representação deste ambiente escolar é exatamente o que se encontra em muitos outros nos dias de hoje.

Usando a linguagem própria dos adolescentes, sua exposição física, além de seus gestos e preferências do professor, tão próximos daqueles de um adolescente, aguçaram efeitos de admiração e pontos de referência, o que em muito facilita que este se submeta a seus comandos e manipulações. Havia, portanto, no professor, elementos favoráveis ao processo de projeção, identificação e transferência. Na definição que Edgar Morin apresenta (2001, p.89-90), a «projeção é uma transferência de estados psíquicos subjetivos para o exterior» que tende ao desencadeamento ou determinação do processo de identificação. Em obra anterior à citada, *O cinema ou o homem imaginário* ([1956-2001] 2014), o autor esclarece que na identificação o sujeito não se projeta no mundo, absorve nele o mundo exterior, incorpora no eu o entorno do sujeito e o integra afetivamente (Morin, apud Pimentel, 2011, p.53).

Bem provável que tais efeitos tenham sido facilitadores para que a sua proposta fosse acolhida pelos alunos. Pode-se deduzir que esta aceitação revela a presença de laço afetivo com a transferência de papéis, visto o professor também exercer a função paterna.

No entanto, ao longo do filme, nota-se que sua ideia, a de os alunos vivenciarem como prática de aprendizagem a autocracia, teve a negação de alguns por serem mais questionadores e intuírem que esta experiência seria um fracasso. Também nos dias de hoje, é perceptível o incômodo que gera no professor os estudantes mais questionadores, resultando em sérias rejeições. Portanto, fica visível, para o aluno e o professor receptores das imagens, que nem sempre propostas pedagógicas são bem-vindas, além do que, em muitas situações, há aqueles que não ousam contrariar suas ordens, por medo de prejuízos na nota ou perseguição do professor. Como sublinha Morin (2011, p.23): «Tentar resistir ao dever suscita culpa e angústia». Situação que também corresponde à atualidade no ambiente escolar, e o que se presencia na vida real faz jus à ideia de que “a arte imita a vida”.

Entusiasmado com a probabilidade de bons efeitos nos alunos com o tema “autocracia”, Wenger parece encarnar o papel que assume de ditador, deixando no espectador a suspeita de que, nesta sua teatralização, manifesta desejos inconscientes de dominação plena de sua turba. Não reconhece as críticas que recebe já no início da propagação negativa da experiência, pois nem mesmo se dá conta do modo como foi violentamente tomando corpo, tal qual uma gigantesca onda do mar, aumentando sua força propulsora à medida que avançava nas ações

fanáticas de alguns alunos, cujos efeitos acabaram fincando marcas, mal-estares sintomáticos e consequências inesquecíveis, fora de controle e de seu plano pedagógico.

Para o espectador fica a certeza de que tal aprendizagem não aconteceu de forma organizada e positivamente formativa. E se, no início, o tema preferido do professor era a “anarquia”, foi exatamente o que promoveu. Há incoerência nas suas ações que não correspondem a um bom desempenho; não se posicionou atento aos efeitos daquilo que propôs, visto que, este personagem ignorou o que ocorria fora dos muros da escola e de que forma a experiência foi tomando posse da individualidade de cada um, como as mudanças no comportamento e em suas interações pessoais. Alguns alunos perderam totalmente a força frente à dinâmica agressiva do coletivo.

Percebe-se, ao longo da trama, que o protagonista Wenger não previu possíveis consequências da experiência nem mesmo quanto às suas omissões. A falta de sua intervenção nutriu a presença do fanatismo e da agressividade na tarefa. Com o fracasso, perde sua vocação – esta que precisa ser flexível com a sua verdade pessoal –, até mesmo ignorando saber de que lugar falava e exercia sua profissão. O protagonista exerceu um poder em função de seu próprio desejo e não em função do bem coletivo. Pode-se afirmar, então, que ignorou um princípio ético: o de promover um bem maior entre os alunos.

Como tantos outros docentes atuantes na realidade escolar, ele simplesmente ordenou a tarefa e, sem prever coisa alguma, sem um acompanhamento mais próximo – como requer o assunto e uma experiência desse porte –, deixou o grupo como em um barco à deriva, literalmente sob o domínio das ondas de um mar revolto. Acreditou numa atuação correta, também dialógica, com os alunos que gerasse uma excelente aprendizagem partindo de uma prática, no entanto, suas atitudes levaram a ter de enfrentar colegas, famílias e os próprios estudantes. Certamente, seu protagonismo escancara os sintomas de uma cultura sem limites, sem moral e valores que são descartados, negados. É neste contexto que o filme retrata situações que não são raras, como a manipulação, a rejeição, o fanatismo, e até mesmo uma crise social e moral vivenciada atualmente pela humanidade. Wenger se torna, assim, exemplo de profissional que só admite seus erros quando, forçosamente, encara os efeitos negativos.

Em últimas cenas, os alunos da ficção se calam, a maioria cabisbaixa, olhares inconformados, outros decepcionados... Estas reações evidenciam o sentimento da hora; parecem entender que o objetivo conquistado no coletivo está morto, e de luto a individualidade terá de ser reconquistada... Cada um por si e a favor de si mesmo. Mas, reconquista fundamentada em quê? O que efetivamente precisa ser oferecido para que isto aconteça?

O discurso final do professor, embora tenha sido uma tentativa de resgatar sua adequação nas atitudes e o senso moral dos alunos, ficou a desejar a oportunidade formativa: não abriu espaços ao diálogo, não deu voz aos estudantes para um pensar coletivo, inclusive frente ao suicídio de um aluno fanático pela experiência, ficando, em todos eles um imenso vazio. Também não promoveu uma efetiva retomada em conjunto; um arrependimento honesto e assumido. Sem pistas para a superação, apenas deixou subentendido que teriam de desconstruir o coletivamente construído e, sozinhos, saírem em busca de uma reconstrução pessoal e a de grupo. O que se viu foi a vivência de uma aprendizagem traumática para os alunos, não menos real do que ocorre em muitas ditaduras.

Importante refletir que o filme retrata e serve de alerta aos professores. Uma experiência fora dos padrões comuns, e de certa rotina disciplinar de uma escola, cativa qualquer aluno ávido por novidades que visem despertar seu interesse e que possa beneficiar uma aprendizagem.

Eis a responsabilidade do professor que faz uso do cinema: abrir espaços para, qualquer que seja a sua disciplina, propor com esta mídia audiovisual uma formação humanizadora, que acontece na medida em que se promove, a partir da própria narrativa e de suas cenas, uma reflexão que envolva a análise crítica e a própria ética presente – ou não – no conteúdo fílmico, na comunicação entre os protagonistas, bem como nas imagens cinematográficas.

Tecendo paralelos entre a ficção e a realidade no cotidiano escolar o protagonismo de Wenger traz o encontro com alunos carentes de referenciais éticos e de perspectivas, ausência que os tornam presas fáceis no jogo de sedução daquele que se coloca como seu porta-voz e líder carismático.

Os personagens adolescentes, sem prever consequências de seus atos, entregaram-se ao prazer imediato, dispostos a enfrentar desafios e, por meio deles, o que realmente interessava era a exposição de um eu inflado e imaginado superior, que camufla suas fragilidades, mas reveladas na percepção aguçada de quem se propõe a perscrutá-los e compreendê-los.

O que se pode analisar é a presença de individualidades carentes de reconhecimento coletivos, em cujo processo de projeção e transferência, ao qual se submetem, é mediado pelo poder.

Em *A onda*, o enredo retrata um agir como massa, tornando-a superior dentro de si mesmo e, enquanto grupo, tornou-se distinto dos demais colegas da escola, estigmatizando aqueles que nele não se incorporavam. O que se pode traduzir como: a exclusão do diferente; daquele que não aceita as regras do jogo ou mesmo questiona suas posições.

Sem dúvida, a intenção do professor da ficção era a de produzir a aprendizagem, mas segundo as cenas do filme, escolheu um único procedimento que redundou em uma prática isolada de outros contextos, incluindo nela não o ensino, mas um treinamento de autocratismo. Percebe-se, assim, que caiu na armadilha da doutrinação, por isso mesmo perdeu-se o próprio ensino e, com essa perda, a manifestação e o desenvolvimento de um juízo ético e intelectual subjetivo, permitindo aos alunos a adoção de um juízo coletivo isento de responsabilidades.

A Onda contribui para se reconhecer e compreender melhor como se dá o fazer docente; ainda, como a sua imagem e a do estudante são representadas na obra cinematográfica. Apresenta uma abordagem não só pedagógica, mas, sobretudo, socioemocional e ética. Possibilita, através de suas imagens em movimento como se estabelecem as interrelações entre os protagonistas e em quais contextos se revelam.

A obra de Dennis Gansel, aqui apresentada, contribui para se observar, atentamente, o complexo ambiente escolar como lugar privilegiado para o desenvolvimento da identidade individual no seio da coletividade e a interação que se processa entre ambos. No entanto, neste mesmo lugar surgem sérios conflitos entre os protagonistas e as repercussões fora dele; o não pensar adequado nas ações do personagem professor; atitudes impulsivas; o não saber lidar com imprevistos, o envolvimento em ações de improviso e as incertezas na própria atuação.

Estes aspectos dos quais a escola de hoje não está isenta de reproduções, não podem passar ao largo do olhar crítico e reflexivo dos professores, pois em qualquer tempo e lugar faz-se necessário debruçar-se sobre o teórico e a prática, sobretudo no que diz respeito aos efeitos no uso das imagens midiáticas e suas variadas linguagens, como tentativa de melhor compreender e atuar sobre a realidade que elas representam. Afinal, é aí mesmo, no espaço escolar, que tais efeitos também se apresentam e que os professores têm se confrontado (Pimentel, 2011, p.124).

REFERÊNCIAS

- COSTA, Elisangela Rodrigues. “Nas telas da TV: a representação do professor na ‘Turma 1901’”. In CITELLI, Adilson (org.). **Educação: imagens do professor na mídia**. São Paulo: Paulinas, 2012, pp. 69-84. (Coleção Educomunicação).
- DROGUETT, Juan Guillermo. “Griffando o sabor do celulóide”. In DROGUETT, Juan G. D. e ANDRADE, Flávio F. A. (Orgs.). **O feitiço do cinema**. Ensaios de griffe sobre a sétima arte. São Paulo: ARX/Saraiva, 2009.
- FÍGARO, Roseli. “Estudos de recepção para a crítica da recepção”. In CITELLI, Adilson Odair e COSTA, Maria Cristina Castilho (Orgs.). **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011, pp. 91-98 (Coleção Educomunicação).
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 3ª. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: DF: UNESCO.([1999], 2001.
- MORIN, Edgar. «Ética e imaginário: Os complexos imaginários». In PENA-VEGA, A.; ALMEIDA, Cleide R. S. e PETRAGLIA, Isabel (Orgs.). **Edgar Morin: Ética, Cultura e Educação**. São Paulo: Cortez, 2001.
- MORIN, Edgar. **O método 6. Ética**. 4ª. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- MORIN, Edgar. **Ensinar a viver**. Manifesto para mudar a educação. Porto Alegre: Sulinas, 2015.
- PIMENTA, Selma Garrido e GHEDIN, Evandro (Orgs.). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. São Paulo: Cortez, 2012.
- PIMENTEL, Lucilla da S. Leite. **Educação e Cinema** – para a formação de poetas. São Paulo: Cortez, 2011.
- SILVEIRA, Junior. “Um sonho de cinema”. In **Revista Páginas Abertas**. São Paulo: Paulus, ano 38, n.53, 2013, pp. 30-31.